

Anotações sobre o materialismo burguês*

GEORG LUKÁCS

A propósito do quinquagésimo aniversário da morte de Feuerbach

Não é preciso discutir qual o significado deste grande pensador para a gênese do materialismo histórico. Não apenas o pequeno e esplendidamente conciso livro de Engels apresenta esta contribuição com amplitude; qualquer um que estudou cuidadosamente a edição póstuma de Mehring dos escritos de Marx e Engels, além das pesquisas de Meyer sobre Engels, deve saber que foi decisivo o impacto que Feuerbach exerceu no pensamento juvenil de Marx e Engels. É claro, uma série de reservas críticas logo se seguiram a este inicial entusiasmo. Engels as expressa em várias passagens de seu livro (e Marx mais extensamente em sua correspondência). A objeção crucial é a de que Feuerbach não se aprofundou no autêntico materialismo histórico; somente deixa de lado a dialética hegeliana e não a supera de fato; na totalidade de sua posição, mantém-se fixo no ponto de vista burguês.

* Nota do Tradutor: O presente texto compõe-se de duas pequenas resenhas escritas por Georg Lukács em 1922. Publicadas em separado, ambas apareceram no jornal *Die rote Fahne*, editado em Berlim. Era a época do exílio em Viena, depois da derrota da revolução húngara em 1919, e o filósofo marxista punha-se a escrever artigos durante os intervalos de seus estudos sobre Marx, Engels e Lênin. Os opúsculos que se apresentam são duas contribuições de Lukács para a história do materialismo pré-marxista; eles tratam de Feuerbach, da época revolucionária do materialismo burguês e da sua necessária guinada conservadora no período em que a ordem burguesa se estabelece. São um curto anúncio do tema da decadência ideológica da burguesia, que será objeto de grandes obras de Lukács na maturidade (como *A destruição da razão*). Retirado de: LUKÁCS, Georg. *Reviews and Articles from Die Rote Fahne*. Tradução de Peter Palmer. London: Merlin Press, 1983. ISBN: 080362814. Títulos em inglês: *On the Fiftieth Anniversary of Feuerbach's Death; the Two Epochs of Bourgeois Materialism*. Tradução de Ranieri Carli, Universidade Federal Fluminense.

O núcleo do método de Feuerbach e sua grande descoberta consistem em colocar o *homem* no centro da investigação científica do mundo. O jovem Marx adotou esta visão metodológica com ânimo. “Ser radical”, afirma, “é chegar à raiz das coisas. Mas o homem é a raiz de si mesmo”. Uma vez estabelecido esse ponto de partida, elucidam-se e compreendem-se como produto do próprio homem as construções mitológicas que envolvem e permeiam a consciência social, apresentando a atividade do homem em seu contexto, cujo prerequisite é a possibilidade de transformá-lo. Como Marx depois enfatizou referindo-se a Vico, o homem *fez ele mesmo* a história humana, com todas as suas formas vitais.

Assim, Feuerbach foi um *crítico*, no mais alto significado da palavra, com relação a uma das mais importantes construções ideológicas, a saber: a religião. Ele corretamente analisou a mitologia que há no uso que Hegel faz do termo “espírito” (*Geist*). Porém, Feuerbach permaneceu um utópico ao demonstrar-se incapaz de adotar uma atitude crítica diante de seu próprio método: abordou o conceito de “homem” de modo acrítico, antidialético e metafísico, semelhante a um sacerdote que se inclina a abordar o conceito de Deus ou de religião. Para falar com as palavras de sua metodologia: Feuerbach assevera que o homem, o seu ponto de partida metodológico, realmente *existe* na verdadeira acepção do termo; contudo, falha no momento de capturar dialeticamente o conceito efetivo de homem, de perceber que o homem é algo que somente *vem a ser* no curso do desenvolvimento histórico e, como resultado, tanto existe como não existe (na perspectiva da crítica histórica).

Desde o assim chamado período feuerbachiano, Marx transcende dialeticamente Feuerbach. Considera a medida radical do homem como o critério de avaliação de sua vida social, o que deixa claro que o humano não se realiza e não pode realizar-se na sociedade contemporânea. Feuerbach nunca foi capaz de dar esse passo avante. Para ele, o homem como está dado constitui a realidade que prescinde de uma análise posterior, de um exame crítico. E apenas analisa a relação entre esta fração da realidade por ele estabelecida e a natureza, a religião etc. Como consequência dessa postura acrítica, a totalidade do ser social, a despeito de suas afirmações que sustentam o contrário, converte-se inteiramente no reino da natureza: exatamente como os economistas clássicos, o ser social torna-se a absoluta limitação natural da existência humana. Sob esse prisma, o homem transforma-se no indivíduo isolado e abstrato da sociedade burguesa. Quase que logicamente, Feuerbach define a máxima virtude do homem como o amor, a suprema relação entre indivíduos que estão isolados e permanecem em isolamento. Porém, Feuerbach não entende a maneira pela qual esse amor é capaz de afirmar-se ele mesmo na real existência societária, onde o homem encontra os meios para levar a cabo o seu ideal de vida. Com acerto, Engels anota que Feuerbach simplesmente supõe “que a cada homem estão automaticamente dados os instrumentos e objetos de sua satisfação”. Uma nova *utopia emocional* estampa-se como a solução para as contradições da existência humana.

Hoje, esses efeitos das teorias de Feuerbach ainda foram pouco examinados. O quanto, por exemplo, a ênfase na precedência metodológica do homem sobre Deus levou ao individualismo anárquico de Stirner e ao ateísmo de Nietzsche. O quanto, por outro lado, a combinação dessa relação do homem com Deus e a função do amor encontra uma magnífica ressurreição em Dostoiévski etc. Precisamente aquele ímpeto que Feuerbach deu ao nascimento do pensamento revolucionário transformou-o em suspeito perante os olhos dos acadêmicos profissionais. Sua influência, uma das mais importantes na história da cultura burguesa (ao lado dos nomes já mencionados, permitam-nos aludir a outras diversas figuras, como Gottfried Keller e Kierkegaard), permanece uma influência anônima. O pensamento burguês está impossibilitado de compreender o desenvolvimento de sua própria cultura.

Mas o reconhecimento de que a *continuação direta* de Feuerbach orienta-se nessa direção determina a nossa atual perspectiva diante dele. Para nós, a doutrina de Feuerbach é um mero fato histórico. Ainda que tenha sido importante como inspiração para Marx e Engels, perde relevância no instante em que os seus aspectos progressistas desembocam no materialismo histórico. No que concerne à batalha para realizar o seu ideal, o homem como a medida universal, Feuerbach não está apto a nos dar qualquer caminho que se percorra, precisamente porque ele situa a realização do homem em uma utopia espiritual. Nesse mesmo sentido, já que a sua posição utópica converte o “homem” em uma abstração — a generalização acrítica do homem da sociedade burguesa —, a constituição desse processo, a conclusão da “pré-história da humanidade”, não pode voltar-se para Feuerbach. Apesar de sua imensa importância, ele permanece sendo um episódio no desenvolvimento do materialismo histórico; uma irreconhecível e subterrânea força espiritual na cultura burguesa. Feuerbach tipifica os grandes desbravadores cuja obra é superada por sua influência, relegando a obra em si mesma à obscuridade.

As duas épocas do materialismo burguês

No início do Dezoito Brumário, Marx mencionou a afirmação de Hegel de “que todas as grandes ações e personagens na história mundial ocorrem duas vezes, por assim dizer. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. Essa frase foi escrita a respeito da história da revolução político-social, mas também parece verdadeira para a história das “revoluções” políticas. No que concerne ao materialismo burguês do século XVIII, o materialismo de Helvetius e Holbach, tratava-se de um ato revolucionário no autêntico sentido da palavra; o rude “materialismo” do século XIX (Ludwig Büchner, Vogt, Moleschott etc.) foi um eco vazio daquele grande movimento, uma vaga de mediocridades grosseiras e sem conteúdo. Isso já se elucida a partir de um primeiro olhar superficial sobre sua doutrina: não contém absolutamente uma sólida proposição que ainda não houvesse sido elaborada pelos materialistas do século anterior. Naquele tempo, porém, aconteceu o maior dos desenvolvimentos

no pensamento humano, a descoberta do método dialético e a sua conversão na dialética materialista revolucionária — uma descoberta que o materialismo dos grosseiros repetidores falhou em reconhecer ou o fez com antipática incompreensão. Por essa razão, eles não se voltaram rumo ao que já era a mais progressiva camada na evolução da sociedade: o proletariado. O materialismo do século XVIII foi o modelo de pensamento da (outrora) burguesia revolucionária. Na versão do século XIX, apenas encontrou adeptos em meio à burguesia — que então havia se transformado em reacionária.

Isso não foi por acaso. Em face da pontual influência sócio-histórica de uma determinada doutrina, o que importa não é exatamente a verdade abstrata que ela possa conter ou a originalidade de seus apontamentos acerca dos “fatos últimos”. O que importa é o quanto abarque os níveis da existência sócio-histórica dos homens, o quanto e em que direção essa explicação influencia as ações sociais do próprio homem. As verdades estilizadas que a doutrina contém, afirmações a propósito de Deus, natureza etc., podem ser inteiramente a mesma em substância e ainda assim exercer funções totalmente diferentes em diferentes pontos do desenvolvimento histórico. A mesma doutrina pode exercer uma influência revolucionária em certa ocasião e, em outra, pode ser reacionária.

E este foi o destino do materialismo em sua versão do século XIX. A recusa de orientação materialista de Feuerbach diante de Hegel e do idealismo alemão marcou uma linha divisória em toda uma época na evolução intelectual. De um lado, construiu-se, por sobre as aquisições da filosofia clássica alemã, o método dialético como o instrumento de interpretação histórica, tomando como suporte materialista o real, vital e efetivo conhecimento dos desenvolvimentos sócio-históricos (como Marx e Engels fizeram), ou, de outro lado, simplesmente se rejeitou o conhecimento da existência sócio-histórica dos homens. Este último caminho foi seguido pelo materialismo burguês, o materialismo de Büchner, Moleschott e demais.

Isso explica os lapsos intelectuais em respeito aos problemas da sociedade e da história. Em seu excelente livro a propósito da história do materialismo, Plekhanov pontua as inevitáveis limitações do pensamento de Holbach e Helvétius: a incapacidade em ater-se à interpretação dinâmica da história e em compreender a relação entre as ações humanas e os eventos sociais. *Ou* eles interpretam a sociedade como um mero produto das ideias humanas, da “opinião pública” etc., *ou* capturam o homem como um produto do ambiente social. Foram incapazes de sintetizar a unidade dialética que entende os homens como os demiurgos de sua própria história, ainda que as forças sociais objetivas influenciem e motivem as suas ações.

A despeito de tudo isso, essa doutrina foi um ato revolucionário no século XVIII. O que estava então na pauta do dia era a remoção das barreiras feudais que obstruíam o modo de produção capitalista-burguês. Todavia, conceitualmente, as formas feudais de produção sempre foram expressas em formas religiosas.

Quer dizer que a natureza da relação feudal entre senhor e vassalo, entre mestre e aprendiz, aparecia à consciência humana como uma ordem dada por Deus, como a compaixão divina por toda autoridade e como devota submissão e obediência – uma vez que era um direto e concreto estado de dependência de um homem sobre o outro e não, como no capitalismo, uma relação abstrata mediada por um contrato. Por essa razão, em termos econômicos concretos, a dissolução das formas econômicas feudais teve de ser acompanhada pela dissolução intelectual dessas formas religiosas. Enquanto resultado da ruína do sistema de produção feudal e da transição para um sistema capitalista de trabalho assalariado, de manufatura etc., essas formas tornaram-se cada vez mais frágeis e abstratas (lembramos-nos apenas do desenvolvimento da religião medieval para o teísmo e deísmo). No entanto, essas formas foram clara e diretamente contrapostas ao conceito da nova ordem econômica, para que se obtivesse o triunfo do mais avançado modo de produção também no âmbito ideológico. Esse conceito era a lógica interna de tudo que vem em substituição ao antigo. Tal doutrina estipulava que leis imanentes, autônomas e permanentes governam de uma maneira racional todas as expressões da vida humana, sem Deus ou autoridade divina, mas igualmente sem a intervenção da vontade do homem; desse modo, este desenvolvimento (da economia capitalista) deveria ser deixado a seu próprio desígnio, para que se derivasse daí uma ordem mundial que estivesse em concordância com a razão e com a felicidade universal: o capitalismo.

O capitalismo basicamente se institui ideologicamente sobre a compreensão fatalista de que “os homens são manipulados em vez de serem os manipuladores”; encontra expressão em uma “lei natural baseada na inconsciência dos participantes” (Engels). Quer dizer, essas leis tomaram a forma de leis naturais e não de tendências na evolução da sociedade. “O materialismo burguês”, disse Engels, “simplesmente opõe o homem à natureza em vez do Deus cristão”. Portanto, esse ponto de vista, que se limitava a ter um efeito revolucionário à medida que a tarefa a se cumprir era a dissolução das ideias feudais, transformou-se em reacionário a partir do instante em que os homens começaram a se tornar conscientes de sua própria existência social, com o pensamento proletário. De um lado, a lógica natural permanente de toda existência erradicou o Deus cristão, que era agora dispensável, e o princípio da autoridade associada a esse Deus. De outro lado, entretanto, substituiu a antiga ordem dada por Deus por uma nova e igualmente permanente ordem: a racional e coerente produção capitalista.

O materialismo científico naturalista é uma forma ideológica do desenvolvimento capitalista (cf. os comentários acurados de Marx em *Das Kapital* acerca da relação da doutrina mecanicista de Descartes e Bacon com o período da manufatura). Consequentemente, esse materialismo deve falhar precisamente no lugar em que falharam as formas ideológicas mais imediatas da burguesia: no problema da história. *Não se pode* reportar às origens históricas da sociedade capitalista a partir de todas essas formas ideológicas, haja vista que estão impossibilitadas

de delinear a inevitável conclusão que o conhecimento de sua história *vem a nos mostrar*: seu irresistível *colapso* histórico. No momento em que o desenvolvimento sócio-histórico começa a superar o capitalismo, esse materialismo converte-se, assim, em um obstáculo ideológico para o processo histórico tanto quanto a crença em Deus por ele superada foi um obstáculo ao desenvolvimento no século XVIII. Então, a farsa histórica expressa no reviver do materialismo durante o século XIX consiste em seu uso hiperbólico de todos os símbolos revolucionários do materialismo efetivamente transformador do século XVIII, quando sua orientação e influência tornaram-se, de fato, a mais completa reação.

LUKÁCS, Georg. Anotações sobre o materialismo burguês. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.133-138.

Palavras-chave: Materialismo; Burguesia; Feuerbach.